



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6543 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

DIÁLOGOS ENTRE CONTAR HISTÓRIAS E DOCÊNCIA

Rosemary Lapa Oliveira - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DIÁLOGOS ENTRE CONTAR HISTÓRIAS E DOCÊNCIA

RESUMO

Este texto apresenta resultado de estágio pós-doutoral desenvolvido na forma de curso de extensão, que buscou aprofundamento nos estudos da prática de contar histórias na perspectiva da formação continuada de sujeitos envolvidos em ações educativas em espaços formais e informais. O principal objetivo do estudo-pesquisa-formação foi contribuir para as discussões levantadas na educação sobre o papel da contação de histórias na formação cidadã. Este projeto se apoia nos estudos sobre a psicanálise da leitura e da escrita, a pedagogia e a literatura infantil, além de ancoragem teórica referente ao contar histórias. Ao final dos encontros, cinquenta pessoas entre professores, psicólogos e agentes culturais apresentaram suas *performances* na contação de histórias com os sujeitos da educação com os quais interagiram. A pesquisa resultou em publicação de livro com as aprendizagens desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: formação docente; leitura; literatura; contação de histórias.

1 APRESENTAÇÃO

A problemática da pesquisa colaborativa desenvolvida foi concernente a concepções sobre o desenvolvimento da contação de histórias em ambientes educativos formais e informais, focando a apreciação da obra literária – nesse caso, oral.

Dessa forma, o principal objetivo da pesquisa foi contribuir para as discussões levantadas na Pedagogia e na Psicologia, principalmente, sobre o papel da contação de histórias na formação cidadã. Para alcançar esse objetivo, a metodologia desenvolvida no curso foi a da escuta sensível, promovendo encontros expo-dialogados, nos quais a centralidade estava na prática da contação de histórias, fazendo sempre o movimento da teoria

para a prática. O formato foi o de oficinas para desenvolvimento de habilidades de corpo e voz, no sentido de ampliar o repertório de modalidades de contação a serem desenvolvidas em ações docentes em espaços formais e informais, fomentando a diversidade de textos, focando na cultura local e também a produção de textos autorais lúdicos a serem incorporados ao repertório das histórias contadas.

Ao longo dos encontros, a ação de contar histórias foi se ampliando, e as mudanças foram perceptíveis através dos relatos fomentados em cada encontro com os resultados de alteração nas práticas de contação de histórias. Esses relatos e essas ações mediadas nos encontros revelaram profissionais que revisitaram criticamente sua práxis, valorizando os conhecimentos de mundo de quem aprende e construindo, juntos, o caminho da aprendizagem.

A pesquisa realizada buscou aprofundamento nos estudos sobre a psicanálise da leitura e da escrita, principalmente com Bettelheim (2002), da pedagogia, principalmente com Freire (1996), e da literatura infantil, principalmente com Coelho (2000), além de ancoragem teórica referente ao contar histórias com Sisto (2015) e Coelho (1999). Assim, o objeto da pesquisa foi a contação de história na educação formal ou informal, buscando responder à pergunta de pesquisa: qual o papel da formação para o contar histórias no trabalho pedagógico desenvolvido com crianças em ambientes educativos formais e informais?

Para alcançar a resposta, desenvolvemos pesquisa colaborativa, com ciclos de estudos reflexivos e dialogados sobre a arte de contar histórias. Os sujeitos chamados para a pesquisa foram as pessoas inscritas no curso de extensão gratuito, os quais foram esclarecidos sobre os objetivos do curso e assinaram termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), tendo respeitado seu desejo de colaboração ou não, o que não afetou a permanência no curso.

2 COMUNIDADE ARGUMENTATIVA

Abramovich (1997) defende a importância de ouvir muitas e muitas histórias para a formação de qualquer criança. Para essa autora, escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, ou seja, de compreensão do mundo. No entanto, as faculdades de educação, modo geral, pouca ou nenhuma atenção dão à formação docente para a arte da contação de histórias.

Reconhecendo que há muitas formas de dizer e muitas formas de entender o mundo, consideramos ser necessário marcar algumas definições com as quais dialogamos neste texto. Assim, assumimos que literatura, conforme defendem vários autores, aqui representados por Coelho,

...é um autêntico e complexo *exercício de vida*, que se realiza *com* e *na* Linguagem – esta complexa forma pela qual o pensar se exterioriza e entra em comunicação com os outros pensares. Espaço de convergência do mundo exterior e do mundo interior. (COELHO, 2000, p. 24, grifos da autora)

Dessa forma, fica evidente que não se trata de encarar a literatura do ponto de vista dos estudos literários da tradição da crítica ou dos estudos formais da teoria literária, mas assumir que a literatura circula em meios culturais diversos. Sendo assim, entram na classificação de literatura as histórias em quadrinhos, os contos fantásticos, os contos de

fadas, as quadrinhas, os travalínguas, os contos de acumulação e de repetição, os causos, bem como as canções de ninar, os contos orais, passados de geração em geração, ou os cordéis, canções de vários ritmos, que são a poesia moderna. Esses textos têm por característica nos fazer refletir sobre nós mesmos e desfrutar de alívios ao nos identificarmos com características e experiências dos personagens envolvidos nas tramas e que nos levam a refletir criticamente sobre nossas próprias ações.

Nessa mesma perspectiva, Candido (2011) defende que a literatura tem uma função humanizadora, porque, assim como o sonho traz o equilíbrio psíquico, ela traz o equilíbrio social, pois as narrativas ficcionais mostram situações de conflitos que nos ajudam a pensar sobre nossas emoções e nossa realidade com uma linguagem que pertence ao mundo da imaginação e da fantasia, como esclarece Sunderland (2005), apresentando possibilidades de alívio de sofrimentos interiores

A contação de histórias, como experiência estética literária, condensada no termo “narrativas orais”, é vista por Busatto (2007, p. 13) “como um ato social e coletivo que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva” e, nessa mistura entre o aconchego do olhar, da voz modulada, do mote girando sempre em torno de sentimentos e sensações e a racionalidade na produção da trama textual com coesão e coerência, tanto contador quanto ouvinte vão pensando e repensando sua condição de humanidade. Afinal, como defende Mellon (2006, p. 13, *apud* BREDAN, 2012), “contar histórias nos mantém em contato com forças que podem ter sido esquecidas, sabedorias que podem ter esmaecido ou, até mesmo, desaparecido e esperanças que caíram na obscuridade”. Daí a sua grande importância não só estética literária, mas terapêutica (SUNDERLAND, 2005).

Assim, a contação de histórias dá conta das questões da arte e da estética, além de permitir, conforme defende Coelho (1999, p. 12), a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis ao acenar com a esperança. Além disso, conforme nos lembra Bredan (2012, p. 25), a criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora, ao mesmo tempo em que tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca e, portanto, exercer sua cidadania.

Assim, delimitadas as categorias fulcrais nesta pesquisa, é nessa perspectiva e nesses termos que o curso de extensão proposto como intervenção se apresenta, no sentido de se desenvolver uma pesquisa colaborativa, visando a um público que se relaciona aos profissionais que trabalham em ambientes educativos formais e informais.

3 O CURSO DE EXTENSÃO

O curso foi idealizado como um exercício pedagógico, visando à formação para a práxis em espaços formais e informais, tendo como fio condutor a literatura na forma de contação de histórias e sua tradição oral. O curso foi aberto à comunidade, acolhendo-se todos que pretenderam participar, no limite de 50 participantes

O plano de curso foi elaborado de modo a cumprir os objetivos de pesquisa e foi sendo redimensionado conforme as vivências que iam se sucedendo durante o curso, embora seu esqueleto continuasse o mesmo.

A ementa do curso foi assim formulada: “Prática de contar história na perspectiva da formação da criança em espaços educativos formais e informais. Discussões levantadas acerca

do papel da contação de histórias na formação da subjetividade da pessoa humana, notadamente das crianças. Recursos de contação de histórias como disparadores e centro da ação docente. Os distintos processos de ler e de contar histórias. Necessidade da formação para a contação de histórias.”. Os objetivos foram: compreender as possibilidades de usos das narrativas orais em sala de aula, como fonte de afetividade, de constituição de subjetividades e de fortalecimento de vínculos entre educadores e discentes, além da mediação para a constituição de leitores; possibilitar aos participantes a pesquisa e a descoberta do estilo pessoal na arte de contar histórias.

3.1.1 Desenvolvimento dos encontros

A seguir, serão apresentados os encontros como ocorreram em cada semana, na forma de relatório em primeira pessoa, descrevendo cada um dos dez encontros.

1º ENCONTRO – **Quem conta um conto aumenta um ponto.** Apresentação da proposta, com esclarecimento do grupo sobre o teor das aulas e chamada à colaboração das pessoas inscritas no curso.

Para dar início aos estudos da contação de histórias, contamos uma história. Ao final, esclarecemos que, ao contar, é necessário modular a voz para que não seja muito baixa, dificultando a audição, nem alta, que irrite o ouvinte. Inspirado pela história, o diálogo após a contação girou em torno da formação para a contação de histórias. Ressaltamos a importância de provocar a produção da imagem mental para que o ouvinte entre na história. Isso acontece, quando o contador gosta tanto da história que a conta com verdade.

2º ENCONTRO – **Contaram-me há muito tempo...** Narrativa oral das reminiscências sobre contação de histórias

Além dos exercícios de acordar o corpo, acrescentamos a dinâmica do olhar, incentivando todos a caminharem pela sala e olharem nos olhos do colega, como se estivessem fazendo carinho, acolhendo com o olhar. Então, lemos uma história, para ativar a memória. Então, de uma caixa que estava em cima da mesa, fomos tirando objetos que reavivam nossa memória de constituição como contadora de histórias. Então, fizemos a proposta de que cada um falasse três frases que representassem sua memória de leitura e contação de histórias. Aproveitamos para falar sobre a *performance* do contador de histórias e levantamos discussões sobre escolha de histórias e a identidade do contador de histórias.

3º ENCONTRO – Muita atenção, minha gente, que agora vou contar... As várias formas de contar histórias: a preparação do cenário e do ambiente. A preparação e a *performance*.

Sendo o curso no formato de oficinas e focado na oralidade, restringimos bastante os textos escritos. Mas não se faz prática sem ancoragem na teoria. Então, elaboramos uma forma de levar discussões teóricas para o curso. Como estávamos na época de São João, nomeei de bandeirolas formativas um conjunto de folhas de ofício impressas com citações, presas por uma corda, pregada no quadro branco. Nelas estavam impressas citações de autores

de referência do curso.

Lemos uma carta de Hampaté Bá (2010) que fala sobre o conto de tradição oral e, depois, houve uma sessão de contação de histórias. Para isso, preparamos o ambiente para a contação e vestimos um avental. Alertamos para o fato de que essa preparação pode ser bastante variada. Uma cursista questionou que, em um curso que havia feito, os mediadores haviam rechaçado a ideia de qualquer produção para a contação de histórias. Levantamos a discussão de que nenhuma área do conhecimento consegue unanimidade epistemológica. Não seria diferente na contação de histórias. Lembramos que *griots*, pajés, menestréis, bufões, anciões agem de formas diferentes, mas todos são contadores de histórias. Falamos da importância de se preparar o ambiente e a indumentária: um simples avental colorido já deixa o ambiente diferenciado. Iniciamos contações de histórias usando recursos diversos.

4º ENCONTRO – Deu-lhe um tangolomango... Exercícios para acordar o corpo e desenvolvimento gestual e postural durante a contação.

Esse encontro foi dedicado ao corpo e à expressão corporal, gestual e rosto, além de corpo e postura. Mais uma vez, lançamos mão do recurso das bandeirolas formativas expostas no quadro. O exercício de acordar o corpo foi com a brincadeira do “seu mestre mandou” (imitação de gestos). Ressaltamos que, mesmo parados ou sentados, usamos o corpo todo para contar histórias. O contador empresta o corpo para que a história aconteça. Lemos o texto de Sisto (2015) juntos e discutimos a importância do corpo na contação de histórias.

5º ENCONTRO – Quem canta seus males espanta. As narrativas orais cantadas e canções que fazem parte da contação: vocalização e sons. Preparação da voz.

Essa aula foi toda dedicada à voz. Sentamos no chão e iniciamos exercícios de aquecimento e afinação da voz e de uso do aparelho fonador, além de exercícios de dicção. Depois dos exercícios, fizemos uma dinâmica de revisão elaborada a partir do livro de Sisto (2015, p. 131-133). Digitalizamos as orientações de Sisto e as colocamos em envelopes. Quem quisesse, pegaria um dos envelopes e diria se aquilo era recomendável ou não.

6º ENCONTRO – Quando de repente... Construção da narrativa e os arquétipos literários: como a história começa e como termina

Levantamos reflexões sobre a estrutura da narrativa a partir do ponto de vista de Coelho (1999, p. 21-23). Falamos sobre os arquétipos junguianos (JUNG, 2000) presentes na literatura. Ia apresentando e contextualizando com histórias que haviam sido contadas.

7º ENCONTRO – Não sei se foi assim, mas foi assim que me contaram. O contador de histórias pode ser também um produtor de histórias. O papel da construção identitária através de contos locais.

Fizemos a revisão dos arquétipos literários e propomos a construção coletiva de uma história a ser contada pelo grupo. Pedimos que se reunissem em grupos, que cada grupo escolhesse uma caixa que tínhamos levado e na qual havia alguns elementos bastante diversificados. Cada um deveria escolher um dos elementos e construir sua participação na

história em conjunto com os demais colegas. A história precisava ser construída por todos e contada por todos.

8º ENCONTRO – “Conta outra vez?” Relação entre texto e faixa etária: o que contar em cada idade? Oficina de produção textual literária para ser apresentada a um público determinado

Expomos as 53 caixas preparadas para aquele encontro. Nas caixas, havia elementos que deveriam se transformar em histórias literárias individuais. Cada um deveria se levantar e pegar a caixa. A história deveria ser construída com os elementos presentes na caixa, inclusive a caixa poderia ser um dos elementos da história. Instruímos para que deixassem que a história fluísse naturalmente e que não pensassem em apontar algum ensinamento: apenas que contassem uma história. Quem terminava ia contando sua história e ia estimulando os outros a terminarem.

9º ENCONTRO – “Agora sou eu quem conto!” Preparação da história: o corpo, a voz, a indumentária, os apetrechos...

Esse encontro aconteceu nas escolas e hospitais, instituições em que já estavam acostumados a contar histórias. Aqueles que não tinham esse local, nós disponibilizamos, através da Brinquedoteca Paulo Freire, uma escola municipal, para que a contação ocorresse. Cada um foi contar a história que produziu no encontro anterior.

10º ENCONTRO – Entrou por uma porta e saiu pela outra... Seminário de apresentação das produções textuais e avaliação do curso

Todos os cursistas foram orientados a gravar o momento de contação de histórias e trazerem para apreciação do grupo. Retomamos aprendizagens e finalizamos o encontro com muita emoção pelos momentos de aprendizagens mútuas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa tão subjetiva como essa, objetivando contribuir para as discussões levantadas na educação sobre o papel da contação de histórias na formação cidadã, não poderia ser feita senão ao lado dos sujeitos de pesquisa, respeitando-os em seus etnométodos, ouvindo-os com escuta sensível, considerando seus saberes. Mas fazer tal pesquisa encontra, aí mesmo, sua principal barreira: alcançar a colaboração dos sujeitos de pesquisa. Ainda mais quando o objetivo é transformar uma realidade. Considerando a proposta de pesquisa colaborativa, de acordo com Desgagné (1998, *apud* IBIAPINA, 2008), articulamos um projeto em que o interesse de investigação se baseava na compreensão das pessoas envolvidas. Nesse caso, essas pessoas estavam interessadas num curso de extensão sobre formação para contação de histórias, e, em interação com o pesquisador, construíram diálogos mediados durante o curso, que foi o contexto real da pesquisa. Assim, ensina esse autor, uma pesquisa colaborativa só se desenvolve por meio de articulações e relações bem negociadas entre pesquisadores, partícipes e instituições (escolares e universitárias). Nessas relações, as

preocupações dos pesquisadores se aproximam das preocupações dos professores partícipes e se instaura um desafio colaborativo de pesquisa e de construção de uma nova realidade de práxis.

A escolha do tema já foi justificada anteriormente neste texto e, a julgar pela grande procura de cursistas, esse ainda é um tema que precisa ser mais estudado e desenvolvido em oficinas e cursos, no intuito de formar profissionais da educação para a contação de histórias. A ideia original do projeto era acolher por volta de trinta colaboradores. No entanto, o interesse das pessoas que compareceram, do primeiro até o terceiro dia, foi decisivo para a dilatação dessa expectativa, e concluímos o curso com cinquenta contadores de histórias certificados, a maioria profissionais da educação.

A partir do curso, foram criados grupos de contação de histórias entre os cursistas. Esse fato, aliado à avaliação oral realizada ao final do curso, nos dão notícias de que esta pesquisa contribuiu muito para o desenvolvimento das discussões sobre contar histórias no diálogo com a docência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16 Ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 2002

BREDAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul: 2011

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1999

COELHO, Nely Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática docente**. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

IBIAPINA, [Ivana Maria Lopes De Melo](#). **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. RJ, Petrópolis: Vozes, 2000.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2015.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias para crianças, pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005